



Fique Antenada

INFORMATIVO DO SINDICATO DOS BANCÁRIOS/ES-CUT

564

Lara Abib - MTb 2669-ES

29-08-2011

29 de agosto: Dia da Visibilidade Lésbica

Qual é a razão por detrás da criação de um dia específico das lésbicas? Afinal, já existe um Dia do Orgulho LGBT, que engloba lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. E se é para especificar, por que utilizar o termo “visibilidade”? Por que não um dia do “orgulho” lésbico? É para responder essas perguntas que o Sindicato dos Bancários/ES elaborou este “Fique Antenada” especial.

O Dia Nacional da Visibilidade Lésbica foi instituído em 1996, em referência ao I SENALE – Seminário Nacional de Lésbicas, ocorrido no Rio de Janeiro. Ele partiu da constatação de que as mulheres que mantêm relação afetiva com outras mulheres são alijadas tanto da história oficial da sexualidade quanto da própria história da homossexualidade.

De acordo com a pesquisadora da homossexualidade no Brasil, Érika Aparecida Pretes, “para os inquisidores portugueses que perseguiram sodomitas era inimaginável que duas mulheres pudessem fazer sexo sem a presença de um homem. Daí que temos pouquíssimos relatos desse período sobre mulheres que mantinham relações sexuais ou afetivas entre si”. O mesmo ocorreu durante o período em que a homossexualidade foi considerada uma doença pela OMS. “Os médicos desse período diagnosticaram pouquíssimas mulheres com ‘homossexualismo’. Pelo que sei, apenas uma mulher foi estudada no Brasil”, informa a autora da tese “História da criminalização da homossexualidade no Brasil: da sodomia ao homossexualismo”.

Ela afirma que as mulheres que mantêm relações sexuais e afetivas com outras mulheres sempre passaram despercebidas no Brasil e por isso não fazem parte dos livros de história da ho-

mossexualidade. Entretanto, as terríveis consequências sociais dessa invisibilidade e do preconceito podem ser sentidas até hoje.

Nas escolas, a educação machista e homofóbica não garante informações necessárias para o exercício livre e seguro da sexualidade das mulheres. A lesbianidade jamais é abordada nas aulas de educação sexual. Nos raros casos em que os professores apresentam uma postura que fuja a regra estabelecida, sofrem acusações de incentivar práticas imorais, entre outras.

Na saúde pública, a mulher lésbica encontra profissionais que não apresentam preparo para lidar com suas especificidades. Segundo pesquisa recente, 60% das lésbicas que vão ao ginecologista sequer dizem que se relacionam com mulheres. Nem mesmo foram desenvolvidos produtos de proteção contra DST's específicos para relações entre mulheres.

Estima-se que 10% das mulheres no mundo são lésbicas ou bissexuais. Entretanto, uma minoria assume publicamente sua orientação sexual, em grande medida por temerem a intolerância e preconceito de sua família, amigos, filhos e demais pessoas. Muitas vezes, a discriminação atinge graus ainda mais violentos como estupro corretivos e outros tipos de violência sexual. No Brasil, não existem dados oficiais quanto a crimes de ódio, fato que torna mais difícil ainda dimensionar a opressão.

“Combater a invisibilidade lésbica significa mais do que trazer a público questões privadas. Significa expor a necessidade de ampliar a luta por direitos e pelo fim do preconceito e discriminação, para que ninguém seja julgado pela sua orientação sexual”, afirma Lucimar Barbosa, diretora do Sindicato dos Bancários.

FAVOR AFIXAR NO QUADRO DE AVISOS